
**O SUJEITO CULTURAL:
UMA REFLEXÃO SOBRE
AH/SD E RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS***



MARIA ANGELITA DA SILVA**, WANDERLANIA SAMIAS GARCIA***, NERLI NONATO RIBEIRO MORI****, IOLETE RIBEIRO DA SILVA*****

Resumo: este trabalho aborda o tema das Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) e relações étnico-raciais numa reflexão a partir de uma pesquisa em andamento. Seu objetivo é investigar o tema das AH/SD no ensino, pesquisa e extensão, além da produção científica da UFAM, tendo como eixo temático a cultura, a ciência e a linguagem na perspectiva da Educação Inclusiva e Intercultural e das Políticas Epistemológicas. Os resultados, não definitivos, apontam para uma multiplicidade de linguagens na formação da identidade local, tendo em vista uma pluralidade étnica que promove as epistemes de fronteira. Portanto, os estudos sobre AH/SD nesse contexto são necessários e significativos para análise do perfil sensorial e seus desdobramentos para o desenvolvimento da inteligência. Fazemos um recorte conceitual e analítico no que diz respeito à definição de AH/SD no contexto amazônico em sua representatividade e manifestações interétnicas dos povos da floresta e das águas (FERREIRA, 2016) e da fronteira (LIMA, 2019). A esse recorte articulamos a memória coletiva atual e ancestral (SILVA, 2020), a fim de identificar e atender, a partir de suas especificidades étnico-raciais e de gênero, as pessoas com AH/SD em suas epistemologias locais, buscando implementar a Política Nacional de Inclusão.

* Recebido em: 10.02.2023, Aprovado em: 26.04.2023. Tema apresentado no 3ª CCI DA REDECT – Congresso Internacional de Pesquisadores sobre Povos Originários e de Comunidades Tradicionais – RedeCT realizado de 15 a 18 de novembro de 2022

** Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Magistério Superior pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). *E-mail:* angelita@ufam.edu.br

*** Graduanda em Pedagogia pelo GEPEI/INC/UFAM. *E-mail:* wanderlaniasamias96@gmail.com

**** Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP). Magistério Superior Universidade Estadual de Maringá (UEM). *E-mail:* nrmori@uem.br

***** Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). Magistério Superior Universidade Federal do Amazonas (UFAM). *E-mail:* ioleteribeiro@ufam.edu.br

Palavras-chave: *Episteme Indígena. Linguagens. AH/SD. Relações Étnico-raciais. Padrões sensoriais.*

A premissa de que a transfiguração epistemológica se dá a partir dos padrões sensoriais do sujeito cultural¹ tem sido o foco de uma investigação científica que tem como base estudos que iniciaram há 12 anos com o peculiar caso etnográfico de uma população originária da região Sul do Brasil que, simultaneamente, era considerada extinta e existia ao mesmo tempo². Para problematização de tal desafio teórico, a partir de quadro conceitual que não dava conta desse fenômeno étnico-racial, lançamos mão da seguinte argumentação de Rosseto (2016, p. 134): “A formação de um conceito não é um processo imutável e fossilizado, mas um processo criativo e dinâmico voltado para a solução de algum problema emergido das ações humanas”. Foi nesse processo de busca por uma interpretação mais humanizadora e com o devido rigor científico³, foi que o conceito de transfiguração epistemológica foi criado. Da observação de mais de dez anos de como o povo Xetá – nossos pais ancestrais, importantes e significativos na formação da identidade local, nacional e latino-americana atual – manifestavam suas formas e estratégias de sobrevivência à tese do extermínio foi que esse conceito foi criado e definido; nossa tese era de que a memória coletiva atual e ancestral forma identidade⁴ e muito embora esse povo indígena fosse considerado extinto pela história oficial e investigações científicas recentes, o povo Xetá lutava por sua existência oficial e a conquista de seus direitos à existência plena, em seus territórios tradicionais e simbólicos.

Há pouco mais de seis anos, concomitantemente aos estudos sobre a extinção e existência simultâneas do povo Xetá, tive a chance de observar, através de uma atividade docente na pós-graduação⁵, que o fenômeno da invisibilidade social de grupos com identidades distintas poderia ser observado em outros grupos sociais, que, embora, gozassem de legislação específica para garantia de direitos, ainda assim eram invisibilizados enquanto sujeitos culturais e sociais. Era o caso de pessoas com AH/SD. Desta constatação surgiram outras inquietações, por exemplo, o caso de invisibilidade de pessoas com AH/SD⁶ que parece estar em consonância ao caso de invisibilidade do Povo Xetá e que, portanto, seria importante problematizar esse caso de sincronidade de invisibilidade cultural, cognoscente e epistêmica e procurar explicar as causas deste apartheid étnico, cognitivo, social e cultural, um apartheid epistêmico que impede que essas pessoas se realizem na concretude e dignidade da formação de suas identidades plurais, que resistem à ditadura do padrão normativo de uma única possibilidade de existência hegemônica e excludente.

Nesse sentido, a partir de outros processos epistêmicos e culturais seria possível identificar sujeitos culturais com AH/SD e como essas culturas processavam essas características no interior de suas comunidades e organizações sociais. As perguntas que surgiram, então, foram: Será que o mesmo preconceito e invisibilidade sofrida na cultura ocidentalizada ocorre nas culturas tradicionais e/ou indígenas para sujeitos que apresentam tais habilidades e talentos? Será que o termo AH/SD se sustenta em outras epistemologias e cosmovisões? E a língua, enquanto código identitário, expressa essa categoria de indivíduos e características sociais, culturais, sensoriais e neuronais, existe algum termo para expressar essas singularidades? E a desigualdade de gênero encontrada nos estudos sobre AH/SD na sociedade ocidentalizada seria uma questão também das sociedades originárias e tradicionais? E Por fim, não menos importante, o que a Política

Nacional de Inclusão no que se refere à AH SD pode oferecer para a reflexão da equidade epistêmica e étnica/gênero tendo como eixo temático as Relações Étnico-Raciais e Desigualdade de Gênero no Amazonas? Atualmente, atuando na região Norte, há quase três anos, como professora e pesquisadora do magistério superior no INC/UFAM – Instituto de Natureza e Cultura da Universidade Federal do Amazonas – as investigações sobre memória e identidade e políticas epistemológicas ganharam novos contornos, sendo a região do Alto Solimões e Vale do Javari de maior concentração de povos indígenas isolados do planeta. Nesse contexto, dados⁷ recentes apontam para 60,30% de estudantes indígenas no INC/UFAM, compondo uma multiplicidade linguística e epistemológica de onze povos diferentes, dos 18 existentes na região do Alto Solimões e Vale do Javari. São eles: Ticuna (251), Kokama (148), Kaixana (34), Kambeba (34), Marubo (2), Kukami (2), Witoto (2), Kanamari (1), Mayuruna (1), Apurinã (1) e Kukami-Kukamiria (1).

Portanto, nosso empreendimento e curiosidade científica se justifica, uma vez que políticas educacionais de equidade de gênero contextualizadas para nós através da política de equidade de gênero da Universidade Federal do Amazonas que, entre outras coisas, aborda questões de relações étnico-raciais na busca de promoção e implementação de políticas educacionais que expressem e representem a diversidade e pluralidade étnica e identitária de uma instituição pública do ensino superior que deve e precisa dialogar com essas diversas epistemes locais e fazer o trabalho de tradução, como nos apresenta Boaventura Santos (2000). Esse autor nos lembra que as epistemologias do Sul são necessárias para o debate da promoção da equidade; Mignolo (2007) e Quijano (2007), com a reflexão sobre decolonialidade e América-Latina e diversidade epistêmica, também nos oferecem um cenário epistemológico pujante para tal necessidade urgente de cultura inclusiva e novos modelos de reparação ao epistemicídio constante e ininterrupto, como nos alerta Said (2011). E a nossa contribuição conceitual – transfiguração epistemológica (SILVA, 2020) – que, através de uma investigação de mais de dez anos como o Povo Xetá, nos propõe que as culturas étnicas desenvolvem a capacidade de interpretar e analisar as epistemologias outras a partir da sua própria episteme como manifestação cultural e identitária; e mais recentemente, nossa hipótese de investigação – ao se debruçar nos estudos da teoria da integração sensorial e psicologia histórico-cultural – é que padrões sensoriais distintos são desenvolvidos de acordo com cosmovisões distintas, e línguas diversificadas expressam atitudes sensoriais como janelas para interpretação da realidade em suas manifestações e representações culturais.

DESENVOLVIMENTO

A Teoria Histórico-cultural e a Teoria da Integração Sensorial e suas contribuições para os estudos de AH/SD, Relações Étnico-raciais e desigualdade de Gênero

O processamento das informações e estímulos percebidos pelo cérebro é fundamental para o desenvolvimento da inteligência; associado às significações formadas nas interações sociais, ele desenvolve as funções psicológicas superiores e produz as respostas adaptativas ao mundo circundante em sua diversidade cultural e epistemológica. A forma como os processamentos sensoriais ocorrem tendo como base a cultura, interferem na percepção e significação das informações recebidas pelos sentidos e constituem como característica importante para definir AH/SD e na identificação e atendimento de pessoas com AH/SD. Isso porque, se podemos afirmar cientificamente que pessoas denominadas

neuroatípicas sofrem prejuízos na percepção e significação das informações recebidas pelos sentidos, o perfil sensorial também pode representar um critério importante para análise das diferenças no funcionamento neurológico e investigação de como conhecimentos sobre processamento sensorial podem contribuir para a investigação sobre o processamento e perfil sensorial de pessoas com AH/SD. Lembrando que

Na perspectiva Renzulliana, o comportamento das AH/SD é originado na confluência de três grupamentos – habilidades acima da média, comprometimento com a tarefa e criatividade. O autor distingue a superdotação em dois tipos: a acadêmica e a produtivo-criativa (RENZULLI, 2004). Enquanto a primeira se demonstra facilmente em testes de desempenho cognitivo, a segunda, por sua vez, é mais dificilmente mensurada por esses instrumentos, além de estar relacionada ao “[...] desenvolvimento de ideias, produtos e expressões artísticas originais (RENZULLI, 2004, p. 83 apud SIGNORINI; RONDINI, 2022, p. 76).

Assim, nossa hipótese de investigação está em torno dos conhecimentos sobre processamento sensorial e como esses conhecimentos podem contribuir para a definição do conceito de AH/SD, na perspectiva Renzulliana, em pessoas de culturas indígenas e tradicionais. Embora muitas vezes o termo AH/SD não apareça como conceito pré-estabelecido para o entendimento de fenômenos sociais, culturais, inclusive neuronais de culturas não ocidentalizadas – sabemos que estudos científicos sobre estrutura e funcionamento cerebral marcam os esforços de áreas na neurociência e das tecnologias da informação e comunicação e inovação, mas não sabemos o quanto estudos culturais e etnográficos contribuem para esse empreendimento científico e tecnológico.

Nesse contexto é que vimos problematizar o tema das AH/SD conjuntamente à cultura de povos indígenas do Alto Solimões e Vale do Javari, como recurso metodológico-científico para auxílio à definição de AH/SD, identificação e atendimento a essa comunidade de pessoas com AH/SD (NAKANO, 2022), levando-se em conta as especificidades étnico-culturais de nossa região. Segundo Simonette, na “(...) cultura grega, uma das que mais valorizam os altos níveis de inteligência, como podemos constatar pelo grande número de filósofos, astrônomos, biólogos e matemáticos (...) o próprio Platão defendia que a identificação desses talentos deveria ocorrer precocemente e agrupados para sua estimulação (...)” (SIMONETTE, 2008, p. 15). Corrobora esse pensamento Nakano (2022) quando afirma, citando Pérez (2012), que o desconhecimento tem tornado difícil a identificação, registro no censo escolar e, conseqüentemente, elaboração de políticas públicas eficientes para essa população. Daí decorre nossa proposta de mapeamento e definição e descrição das culturas dos povos originários no Alto Solimões como possibilidade conjunta de auxílio na identificação e atendimento de pessoas com AH/SD, pois “historicamente, a educação desses alunos se mostrou, durante um longo período, como conceitualmente confusa, social e etnicamente discriminatória e não inclusiva” (SMITH; CAMPBELL, 2016 *apud* NAKANO, 2022, p. 9).

Nessa perspectiva teórica, a organização funcional do cérebro se dá a partir das funções psicológicas superiores (FPS), envolvendo capacidades e habilidades mentais relacionadas à percepção, atenção, memória, imaginação, criatividade, pensamento e linguagem. Nossa hipótese de investigação propõe que padrões sensoriais estão relacionados ao contexto cultural, tendo na mediação social e intencional seu maior aliado, pois a mediação/compensações sociais e culturais (ZDP) exprimem as condições para formar novas conexões sinápticas, como prevê a neurociência cognitiva.

Queremos ampliar nosso foco de visão científica ao reconhecer a importância de relacionar diversas áreas do conhecimento em prol de um único objetivo: promover o desenvolvimento da inteligência, procurando conferir maior potencialidade às FPS através das janelas dos sentidos, para estimular e desenvolver os padrões sensoriais para corresponder, como apontam os estudos da neurociência, às expectativas e avanços já observados, por exemplo, em sistemas de informação e comunicação, que imitam o funcionamento do cérebro, e que também revertem para um conhecimento mais profundo desse funcionamento. A neurociência, ao utilizar estudos de ressonância magnética, que possibilitam observar o funcionamento cerebral em tempo real, cria as condições de que sistemas da comunicação e da informação sejam projetados a partir da imitação do funcionamento cerebral, onde neurônios em conexão formam sinapses numa rede neuronal que modela o pensamento científico dessa época. Um exemplo contundente da aplicação desses princípios e dessas técnicas é o “Projeto Cérebro que investiga e busca descobrir e utilizar a estrutura e funcionamento do cérebro humano” (SIMONETTE, 2008, p. 05)⁸.

Para nós, fica a pergunta: Se as TICs e Novas TICs são sempre produto de investigações que imitam o funcionamento e estrutura cerebral, elas refletem quais grupos sociais e culturais? Será que haveria uma distinção significativa se os cérebros em questão fossem de populações étnicas e indígenas? Há estudos que procuram compreender essas diferenças? Fazendo um recorte na história da medicina, no estudo da anatomia, é recente o corpo feminino como fonte de investigação e conhecimento médico e estudiosos apontam para os desdobramentos de tal invisibilidade. Fazendo um paralelo comparativo, quais funcionamentos e estruturas cerebrais participam de estudos como estes, como esse que a União Europeia financia que aplica a teoria da inteligência a partir de estudos com determinados indivíduos e sujeitos culturais? Cabe, na atualidade, estudos da neurociência, da inovação e tecnologias, ou das AH/SD que não levem em conta essa diversidade étnica e cultural? Que repercussão essas pesquisas têm para o público que fará uso dessas tecnologias e inovação, baseadas na imitação do funcionamento e estrutura do cérebro, em escala planetária e como padrão normativo? Que repercussão o uso dessas tecnologias baseadas em estudos que se levam em conta a estrutura e funcionamento cerebral de apenas uma parcela mínima desta diversidade étnica e identitária tem, inclusive para essas populações que utilizam essas tecnologias? Ou será que estudos como esse levam em conta essas diversidades étnicas e epistêmicas?

Nesse contexto e para ilustrar essas indagações, há vários estudos que investigam os sonhos do povo Yanomami e os sentidos e significados de seus conteúdos, uma ilustração poderosa de signos e significados distinta do padrão ocidental hegemônico. Para o povo Ticuna, por exemplo, a palavra tempo não tem tradução para sua língua e o mundo dos sonhos e o mundo material não tem a mesma distinção que para a cultura ocidental. São apenas alguns exemplos que apontam para uma estrutura e funcionamento cerebral distintos do mundo ocidentalizado eurocêntrico.

Se admitimos a observação e imitação do funcionamento cerebral para criar sistemas e redes de comunicação e informação, também podemos usufruir desses mesmos conceitos e preceitos teóricos para promover avanços e inovação ao empreendimento de criar formas de aplicabilidade para culturas – como as culturas locais do Alto Solimões e Vale do Javari – que desenvolvam a inteligência, de forma a estabelecer relações sadias e inovadoras pautadas num rigoroso espírito científico e que promovam, ao mesmo tempo, valores inovadores, técnicas instrucionais e uma determinação huma-

nista, humanizadora, por ser plural. Esse esforço deve ser capaz de fazer frente à ética de mercado (FREIRE, 2014), baseada, sobretudo, em teorias técnico-comportamentais norte-americanas que reforçam pedagogias tradicionais, promovendo uma compreensão que atenta contra a ética de gente (FREIRE, 2014), por estimular a concorrência baseada na meritocracia, nociva ao bem-viver e ao ideal de cooperação que combate a competição comercial desumanizadora. Queremos, portanto, pensar um conceito de AH/SD que supere a ideologia neoliberal e mercadológica, para que possamos nos aproximar de um fazer científico e conceitual que esteja em consonância as epistemes locais e suas cosmovisões.

Baseado no mapeamento do perfil sensorial é que pretendemos organizar ações em sua triangulação com o fator emocional, fator cognitivo e fator epistêmico que desenvolve o sistema sensorial porque o “(...) cérebro precisa de muitas informações, e estas têm dos sentidos (..)” (DUNN, 2017, p. 21). As “(...) informações sensoriais nos ajudam a entender nossos próprios corpos e o mundo ao nosso redor (...)” (DUNN, 2017, p. 21). Deste modo, nossa reflexão propõe uma investigação sobre as culturas locais enquanto linguagens capazes de abrir uma janela para os estudos das manifestações e representações interculturais e étnico-raciais num contexto singular de desenvolvimento e aprendizagem, além de servir como auxílio para a identificação de pessoas com AH/SD nesses ambientes marcados pela diversidade.

Nesse contexto, na perspectiva da Política Nacional de Inclusão (2008) de Equidade de Gênero da Universidade Federal do Amazonas e “a iniciativa do debate sobre enfrentamento à violência de gênero na comunidade acadêmica, em especial as estudantes” (SILVA; SILVA; LEITÃO, 2021), assim como, as violências epistêmicas e étnicas, que pretendemos abrir um espaço para o debate. Assim, nosso empreendimento aponta para a reflexão de que a transfiguração epistemológica, enquanto conceito é a capacidade do sujeito cultural de interpretar e analisar as epistemologias outras a partir da sua própria episteme, como manifestação cultural e identitária e se dá a partir de padrões sensoriais desenvolvidos tendo como base a cultura e sua identidade étnica e epistêmica⁹, por isso acreditamos que a forma como se orienta e processa sensorialmente as vivências e interpretação da realidade é resultado, mas também é responsável por um funcionamento e estrutura cerebral distinta e digna de ser considerada como fonte importante para o aprimoramento e aperfeiçoamento do saber científico.

Para tanto, os aportes teóricos são a Teoria Histórico-cultural, mais especificamente estudos de Lev Semionovich Vigotski (1896-1934) e Alexander Romanovich Luria (1902-1977), e a Teoria da Integração Sensorial, de Anna Jean Ayres (1920-1988) e seguidores. Para essa reflexão, em seguida, buscaremos apontar algumas relações significativas para a investigação sobre AH/SD e relações étnico-raciais tendo três eixos de problematização: a História, o Cinema e a Literatura.

Altas Habilidades, Talento e Superdotação na História, no Cinema e na Literatura

Os aportes teóricos que elegemos para essa análise constituem a base dos esforços para observar o que a cultura e a História têm nos demonstrado sobre esse tema, mais ainda como linguagens consagradas em nossa cultura expressam isso. Mais do que isso, Bakhtin (2006; 2002) chama a literatura de língua, por ser manifestação cultural e possuir uma estruturação e uma lógica próprias remetendo ao discurso sobre a cultura de cada povo, em particular e das formas de resistência cultural, muitas vezes plurais. A lite-

ratura como linguagem/língua seria, como diria Conrad¹⁰, conhecimento de primeira mão (SILVA, 2020, p.62). Pois,

[...] quando Conrad cria a ficção contida em Coração das Trevas ele se reporta a uma realidade histórica, ou seja, real e concreta, e constrói um discurso sobre ela usando como linguagem os fatos ficcionais criados e a forma como ele organiza esses fatos. Essa é a contribuição da literatura. Essa é a função da arte literária, a exemplo de Conceição Evaristo (Becos da Memória), Isabel Allende (Inês de Minh'Alma), Tolstói (Guerra e Paz) e muitos outros (SILVA, 2020, p. 61).

Assim como ao cinema, enquanto linguagem, também pode-se atribuir a mesma função que a literatura, por expressar a realidade história e cultural de forma a criar um diálogo com o interlocutor, interlocutora de modo a promover uma comunicação significativa e desafiadora, educando os sentidos e, por isso, a sensibilidade.

Nesse sentido as histórias de ficção onde as AH/SD estão inseridas, direta ou indiretamente, na literatura ou no cinema, contam um pouco de nós e de como nos relacionamos com tais temas. Mesmo quando os temas apontam para a fantasia e hipórbolos cinematográficas, de super-heróis ou histórias fantásticas. Ou quando o tema literário apresenta personagens de outras culturas como xamãs, feiticeiros, ou como nas histórias bíblicas que apresentam profetas e personagens com talentos e dons especiais, ou na mitologia grega com seus estereótipos e arquétipos. Ou histórias que relatam vidas de bruxos ou bruxas de épocas e terras longínquas. Em todas elas o tema de altas habilidades ou talentos/dons especiais retratam características e perfis especiais. Resta-nos o argumento científico de análise dessas peças artísticas como expressão da cultura que procura lidar com esses temas de forma lúdica e estética, imaginativa e criativa, para que possamos, na medida do possível perceber sua necessidade de problematização e acolhimento.

Essas linguagens funcionam como catalizadoras de temas urgentes que podem afetar o processo civilizacional em escala globalizante, já que assim nos encontramos atualmente, e o tema da diversidade epistemológica e étnica cada vez mais presente nos debates de equidade e direitos a serem conquistados por todas aquelas pessoas que não se encontram incluídas nos modelos e padrões normativos ditados pela sociedade capitalista neoliberal.

A cultura diferente nessa racionalidade indolente (SANTOS, 2003) é marginalizada, justamente por não compor o que Bauman (2009, p.16) identifica como sociedade líquida moderna, 'a vida líquida é uma vida de consumo', portanto, o indivíduo que culturalmente não encontra razão para estabelecer esse consumo organizado sistematicamente, e se situa alheio a ele, já que seu modo de vida (sólido) não corresponde ao modo de vida (líquido). Ele sim é descartado dessa ordem mundial, não por sua 'pobreza' ou incapacidade de consumo, mas, para, além disso, por sua forma de existir ser uma afronta e uma ameaça ao padrão estabelecido (SILVA, 2017, p. 16).

Entendemos que em conformidade com essa reflexão a investigação das AH/SD também estabelece outras relações e significados com os povos indígenas e tradicionais e por isso mesmo se manifesta como pauta importante para o debate e potencialização da definição do que seja AH/SD, sua identificação e atendimento a esses grupos

culturais e étnico-raciais. Nesse sentido, cruzando informações em análise fílmica e literária, também científica, buscamos subsídios para cruzar com dados da cultura local que, por ser plural e multilíngue, apresentam vários eixos de análise e relações.

Muito se tem falado sobre do desenvolvimento do organismo humano, como por exemplo a trilogia X-Men, e filmes de ficção científica quando apresentam extraterrestres – a anatomia do corpo, especialmente da cabeça, aponta para uma evolução da inteligência e capacidade cerebral que revela um aumento do tamanho do cérebro. Esse tipo de pensamento que esses filmes apresentam precisa ser superado, o discurso da evolução presente nessas peças artísticas, que podem revelar um equívoco da forma como se interpreta esses eventos. A vida urbana oferece uma relação com o espaço cultural e físico que diminui a capacidade sensorial, colonizada por estímulos e poluição sensorial desta forma específica de organização social, isso contraria o pressuposto de evolução apresentadas por esses filmes e literatura em geral.

AH/SD e Padrões Sensoriais

Há tempos a comunidade científica tem se debruçado em estudos sobre animais e padrões sensoriais, a homogeneização dos estímulos sensoriais por uma cultura cada vez mais violenta que polui e congestionam o aparelho sensorial humano nos leva a suspeitar, diferente do que a teoria evolucionista prevê, há razões para contestar esse imperativo¹¹. A UNISDR – grupo consultivo da Estratégia Internacional para Riscos de Desastres das Nações Unidas tem desenvolvido pesquisas com o intuito de prever, com certa antecipação, desastres naturais com estudos baseados na observação de animais em várias partes do mundo. A equipe de ornitólogos do Escritório Francês da Biodiversidade (OSB) é outro exemplo desse esforço da comunidade científica de encontrar soluções para os impactos de fenômenos naturais utilizando a observação e investigação de como se dá esses fenômenos envolvendo a capacidade de animais a se antecipar a catástrofes.

Os cátodos (íons positivos; átomos eletricamente carregados) que são emitidos quando placas tectônicas se chocam no interior da terra¹² quando, na superfície e, depois, na atmosfera, estimulam glândulas de animais a produzir hormônios que interferem no comportamento, causando excitação nesses animais. Há uma atividade cerebral que responde a esses estímulos recebidos, uma “a captação” ou percepção dessa presença no organismo. Em outras palavras, o cérebro comanda esse processo. Esse comportamento animal não é um comportamento espasmódico, esses estímulos recebidos pelo cérebro produzem uma resposta que tem uma lógica com os acontecimentos e move a ação animal de acordo com essa mesma lógica. Nesse sentido, observa-se o cavalo se afastando de um terremoto, uma manada de búfalos se afastar de um tsunami. Esse comportamento aponta para o funcionamento do aparelho sensorial desses animais que tem a ver, especificamente, com a percepção do perigo e do que se fazer para se afastar dele, os animais têm essa capacidade sensorial de prever fenômenos naturais, e o mais importante não é essa capacidade, mas o resultado da mesma, como comportamento observável: eles sabem para onde fugir, porque se fosse apenas uma perturbação hormonal que causasse hiperatividade momentânea, eles poderiam, inclusive correr de encontro ao fenômeno catastrófico, ao contrário disso eles se comportam de modo a se protegerem.

Esses estudos apontam para o reconhecimento de uma percepção sensorial que é resultado de um processamento sensorial que modifica o perfil sensorial desses

animais para possibilitar o comportamento de fuga e sobrevivência. A pergunta principal nesse contexto de reflexões seria: Por que seres humanos dotados de aparelho sensorial com atividades cerebrais que poderiam capacitá-los a se defender de riscos como esses, permanecem indiferentes a esses estímulos? Diferente das condições de estrutura biológica desses mamíferos e o quanto essa estrutura é perturbada pelo ambiente, uma suspeita seria que a relação e ligação com o espaço natural de seres humanos poderiam ser afetados pelo crescimento urbano e desenvolvimento do capitalismo e seu aparato industrial ideológico cultural, a expansão e aumento da velocidade dos estímulos próprios dessa sociedade em contraposição aos estímulos do meio natural.

Até que ponto as sociedades originárias também sofreram essa perda possível? Mesmo que essa perda sensorial seja geral a analogia é válida, até no sentido de investigar em que proporção as diferentes populações humanas sofrem a perdas similares e no que essas perdas podem afetar seu perfil sensorial e se essas diferenças podem também explicar identidades fruto de epistemes distintas, fruto desses processamentos sensoriais no ambiente natural e cultural dessas populações. Nesse sentido, as populações que ocupam espaços que não foram, ou ainda não são totalmente comprometidos com essa lógica podem revelar um perfil sensorial que se diferencia e, portanto, cria novos processamentos sensoriais que captam a realidade de forma distinta das sociedades industrializadas. A analogia é válida também, porque se houve uma diferenciação sensorial que marca a história das civilizações entre os seres humanos e os animais, podemos supor a possibilidade de que haja uma diferenciação importante de perfil sensorial entre os diversos grupos de seres humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“É tudo verdade”

(Pesquisador Ticuna na defesa de seu doutoramento).

O conhecimento dos povos originários tem estado no campo das credences populares, ou do folclore, ou da superstição. É preciso considerar a possibilidade de diálogo intercultural com o conhecimento científico ocidental. Quando um estudante de doutorado em sua defesa afirma, ao apresentar elementos da sua cultura que “É tudo Verdade” ele desenvolve um esforço semântico de defesa de sua cultura e episteme, onde o discurso leva para novas reivindicações da presença desta diversidade no mundo. A pesquisa inicial que amparou as reflexões que ora trazemos neste artigo pretendia-se apresentar o tema das AH/SD e relações -étnico raciais como dois elementos em relação para ampliar o debate da definição do conceito, e por consequência a identificação e atendimento de pessoas que apresentam um perfil sensorial diferenciado e que em suas culturas desempenham papéis de relevância para a sobrevivência.

Quando a sociedade pergunta de onde vem essas características acima da média, vários setores da vida social ocidentalizada oferecerão suas versões e interpretações de acordo com a seu ambiente cultural, havendo, inclusive, disputas internas e externas de sobrevivência e manutenção dessas versões, tentando estabelecê-las enquanto estatutos de verdade. Para além desse contexto que disputa a subjetividade e identidade desses sujeitos culturais, no limite invisibilizando-as ou as manipulando e explorando, queremos propor que haja um redimensionamento do conceito evitando que essas pessoas sejam disputadas pelo Estado ou pelo mercado, ou meramente canceladas de acordo com as

conveniências do poder. Que o conceito potencializado por epistemes outras possam trazer novas frentes de interesse por esse fenômeno para a prática e promoção do bem viver, que interfira nos modos pelos quais se organiza o conhecimento científico e para que fins ele é desenvolvido, que projetos como Genoma e o projeto Cérebro mantido pela UE possam repercutir num maior entendimento e respeito à diversidade e ao bem comum. Que a lógica de mercado seja contestada e que talentos e habilidades não se tornem mercadoria e pessoas não se tornem meios de consumo.

A importância desse estudo está em propor a organização de um conhecimento sistemático sobre AH/SD, relação étnico-racial e de gênero direcionadas aos grupos sociais que sofrem marginalização epistêmica e identitária enquanto populações e grupos com perfil sensorial diferenciado e que por isso podem contribuir para um aprimoramento dos estudos sobre a estrutura e funcionamento do cérebro humano baseado nas teorias da |Integração Sensorial e Teoria Histórico-Cultural. A analogia proposta de observar as diferenças entre comportamentos humanos e animais no que diz respeito aos desastres naturais têm no processamento sensorial e perfil sensorial a base da nossa argumentação e se relaciona com a possibilidade de encontrar diferenças significativas entre os diversos grupos humanos, o que justificaria a inclusão dessas reflexões no desenvolvimento científico para novas tecnologias, levando-se em conta que o benefício de tais avanços deva atingir toda e qualquer ser humano em todo a sua diversidade cultural e epistêmica.

THE CULTURAL SUBJECT: A REFLECTION ON HIGH ABILITIES/ GIFTEDNESS AND ETHNIC-RACIAL RELATIONS

Abstract: this work addresses the theme of High Abilities/Giftedness (AH/SD) and ethnic-racial relations in a reflection based on an ongoing research. This research is ongoing. Its objective is to investigate the theme of AH/SD in teaching, research and extension, in addition to the scientific production of the UFAM, having culture, science and language as its thematic axis in the perspective of Inclusive and Intercultural Education and Epistemological Policies. The results – not definitive, point to a multiplicity of languages in the formation of local identity, in view of an ethnic plurality that promotes border epistemes. Therefore, studies on AH/SD in this context are necessary and significant for analyzing the sensory profile and its consequences for the development of intelligence. We make a conceptual and analytical cut with regard to the definition of AH/SD in the Amazonian context in its representativeness and interethnic manifestations of the peoples of the forest and waters (FERREIRA, 2016) and of the frontier (LIMA, 2019). With this clipping we articulate the current and ancestral collective memory (SILVA, 2020), in order to identify and attend, from their ethnic-racial and gender specificities, to people with AH/SD in their local epistemologies, seeking to implement the Policy National Inclusion.

Keywords: Indigenous Episteme. Languages. High Abilities/Giftedness. Ethnic-Racial Relations. Sensory patterns.

EL SUJETO CULTURAL: UNA REFLEXIÓN SOBRE AH/SD Y LAS RELACIONES ÉTNICO-RACIALES

Resumen: este trabajo aborda el tema de Altas Habilidades/Superdotación (AH/SD) y las relaciones étnico-raciales en una reflexión basada en una investigación en curso. Su objetivo

es investigar el tema de la AH/DS en la docencia, la investigación y la extensión, además de la producción científica de la UFAM, teniendo como ejes temáticos la cultura, la ciencia y la lengua en la perspectiva de la Educación Inclusiva e Intercultural y las Políticas Epistemológicas. Los resultados -no definitivos- apuntan a una multiplicidad de lenguas en la formación de la identidad local, en vista de una pluralidad étnica que promueve epistemes de frontera. Por lo tanto, los estudios sobre HA/SD en este contexto son necesarios y significativos para analizar el perfil sensorial y sus consecuencias para el desarrollo de la inteligencia. Hacemos un corte conceptual y analítico respecto a la definición de AH/SD en el contexto amazónico en su representatividad y manifestaciones interétnicas de los pueblos de la selva y las aguas (FERREIRA, 2016) y de la frontera (LIMA, 2019). Con este recorte articulamos la memoria colectiva actual y ancestral (SILVA, 2020), con el fin de identificar y atender, desde sus especificidades étnico-raciales y de género, a las personas con HA/DS en sus epistemologías locales, buscando implementar la Política Nacional de Inclusión.

Palabras clave: *Episteme Indígena. Idiomas. HA/SD; Relaciones étnico-raciales. Patrones sensoriales.*

Notas

- 1 Ver Silva (2020) para o conceito de transfiguração epistemológica, Vigotsky (2009) para o conceito de sujeito cultural; Ver Ayres (1973 2005) e Dunn (2017) para o conceito de padrões sensoriais.
- 2 Para saber mais ler Rafael Pacheco (2019) e Maria Angelita da Silva (2017; 2020)
- 3 Postura identificada, por exemplo, em toda a obra do educador Paulo Freire.
- 4 Ver Halbwachs (1990), Mori, (1998), Silva (2020) sobre o conceito de memória coletiva e formação de identidade.
- 5 Em 2016, quando iniciei a atividade docente na pós-graduação de formação de professores para AEE – atendimento educacional especializado, sendo política educacional que “identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade, que elimina as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas” (BRASIL, 2009, p. 1) Sendo esta política composta na Resolução nº 04, de 02 de outubro de 2009. Institui as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica – Modalidade Educação Especial. Diário Oficial da União, Brasília, nº190, 05/10/2009. Seção 01.p.02. e a Política nacional de educação especial na perspectiva inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- 6 Para saber mais ler Revista Brasileira de Altas Habilidades/ Superdotação [online]. Editora chefe Laura Ceretta Moreira, Curitiba: ConBraSD, 2022, Edição especial, ISSN 2318-9274 (on-line).
- 7 Dados INC/UFAM -2022 coletados para o relatório final, estudante indígena Kokama (2020-2022) de PIBIC “Levantamento dos principais temas relacionados ao problema da comunicação entre estudantes indígenas: visões e perspectivas” Código do Projeto - PIB-MULT/0076/2021-2022 com bolsa da FAPEAM – Fundação de Apoio à Pesquisa no Estado do Amazonas
- 8 O EBRAINS é uma nova infraestrutura de pesquisa digital, criada pelo Human Brain Project, financiado pela UE, que reúne uma ampla gama de dados e ferramentas para pesquisas relacionadas ao cérebro. O EBRAINS capitalizará o trabalho realizado pelas equipes do Projeto Cérebro Humano em neurociência digital, medicina cerebral e tecnologia inspirada no cérebro e o levará ao próximo nível (...) Disponível em: <https://ebrains.eu/services>. Acesso em: 07/08/2022. Esse projeto da EU – União Europeia iniciou em 2013 e tem previsão de ser concluído em 2023.
- 9 Ver Silva (2020) e Vigotsky (2009) para o conceito de sujeito cultural; Ver Ayres (1973 2005) e Dunn (2017) para o conceito de padrões sensoriais.
- 10 Ficção é história, história humana, ou não é nada. Mas é também mais que isso; se estabelece sobre solo mais firme, baseando-se na realidade das formas e na observação dos fenômenos sociais, enquanto a história é baseada em documentos e na leitura de impressos e manuscritos – sobre impressões de segunda mão. Portanto a ficção está mais perto da verdade. Mas deixa isso pra lá. Um historiador pode ser um artista também, e um romancista é um historiador, um protetor, um depositário, um expositor, da experiência humana. (CONRAD, 2014, p. 47-8) (tradução livre de seu livro).

- 11 Reportagem BBC News Brasil 23/02/2022 “Animais que detectam desastres naturais”
- 12 Disponível em: file:///C:/Users/House/Downloads/BBC%20NEW%20Sistema%20sensorial%20de%20animais%202022.pdf. Acesso em: 11 maio 2022
- 13 Reportagem do Jornal Nacional 2015 Edição do dia 30/04/2015 30/04/2015 21h26 - Atualizado em 30/04/2015 22h05 Cientistas descobrem o que faz animais pressentirem catástrofes: (...) os animais têm essa capacidade sensorial de prever fenômenos naturais (...) Quando duas placas tectônicas se movem, uma contra a outra, esse fenômeno produz um gás que sai de baixo e vem para a superfície, e depois para a atmosfera. O gás é rico em íons positivos, que são átomos carregados eletricamente. Esses íons positivos aumentam a produção de um hormônio que faz com que os animais fiquem mais agitados, hiperativos. E é por isso, segundo os cientistas, que eles abandonam aquela área, aquela região. Disponível em: file:///C:/Users/House/Desktop/%C3%81rea%20de%20Trabalho/PASTA%20UFAM%20Atividade%20Remota%202021/GEPFF/POS%20DOC/AH%20e%20SD%20material%20para%20estudo/2015%20Jornal%20Nacional%20-%20Cientistas%20descobrem%20o%20que%20faz%20animais%20pressentirem%20cat%C3%A1strofes.pdf. Acesso em: 25 nov. 2021.

Referências

- AYRES, Anna Jean. *Sensory integration and learning disorders*. Los Angeles: Western Psychological Services, 1973.
- AYRES, Anna Jean. *Sensory integration and the child*. Los Angeles: Western Psychological Services, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. 5 ed. Trad. Aurora F. Bernardini; José Pereira Júnior; Augusto Góes Júnior; Helena S. Nazário; Homero F. de Andrade. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BRASIL. Políticas Públicas para Alta Habilidade/ Superdotação, 2010. Disponível em: http://www.senado.gov.br/web/comissoes/CE/AP/AP20080626_superdotados_CI%C3%A1udiaGriboski.pdf. Acesso em: 22 fev. 2010.
- BRASIL. Resolução n. 04, de 02 de outubro de 2009. Institui as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica – Modalidade Educação Especial. Diário Oficial da União, Brasília, nº190, 05/10/2009. Seção 01. p. 02.
- BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial. *Política nacional de educação especial na perspectiva inclusiva*. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- DUNN, Winnie. *Vivendo sensorialmente: entenda seus sentidos*. São Paulo: Pearson, 2017.
- FERREIRA, Jarliane Silva. *A escola na floresta: manifestações culturais e processos educativos em comunidades tradicionais do Alto Solimões/AM*. Tese (Doutorado no Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Editora Paz e terra, 2014.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- FREITAS, Neli Klix. Desenvolvimento humano, organização funcional do cérebro e aprendizagem no pensamento de Luria e de Vygotsky. *Ciência e Cognição*, Rio de Janeiro, v. 9, p. 91-96, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais, 1990.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Cidades e Estados*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/benjamin-constant/panorama>. Acesso em: 07 ago. 2022.

LURIA, Alexander Romanovich. *A construção da mente*. São Paulo: Ícone, 2017.

LURIA, A. R. *Curso de psicologia geral*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. (Volumes I, II, III e IV).

LURIA, Alexander Romanovich. *Fundamentos de neuropsicologia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos/ São Paulo: EDUSP, 1981.

LURIA, A. R. *O homem com um mundo estilhaçado*. Petrópolis: Vozes, 2008.

MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina*. La herida colonial y la opción decolonial. Barcelona: Gedisa, 2007.

MORI, Nerli Nonato Ribeiro; SAITO, D. S.; RISSO, V. A. M.; MACIAS, V. M. Altas habilidades/superdotação na pesquisa brasileira: um estudo sobre as produções nos programas de pós-graduação no Brasil no período de 2002-2020. *Research, Society and Development*, p. 2525-3409, 2021.

MORI, Nerli Nonato Ribeiro R. *Memória e Identidade: a travessia de velhos professores através de suas narrativas orais*. Maringá: EDUEM, 1998.

NAKANO, Tatiana de Cassia. Análise das diretrizes curriculares de pedagogia para formação em educação especial e altas habilidades/superdotação. *Revista Brasileira de Altas Habilidades/Superdotação* [online]. 2022. Edição Especial, p. 07-21.

PACHECO, Rafael M. *Os Xetá e suas histórias: memória, estética, luta desde o exílio*. 2019. 291 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Antropologia – PPA, Universidade Federal do Paraná - UFPR, Curitiba, 2019.

PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera e Freitas, Soraia Napoleão. A mulher com altas habilidades/superdotação: à procura de uma identidade. *Revista Brasileira de Educação Especial* [online], v. 18, n. 4, p. 677-694, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382012000400010>. Acesso em: 1 ago. 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO GÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón (orgs.). *El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.

RENZULLI, Joseph. A concepção de superdotação no modelo dos três anéis: um modelo de desenvolvimento para a promoção da produtividade criativa. In: VIRGOLIM, A. M. R.; KONKIEWITZ, E. C. (orgs.). *Altas habilidades/superdotação, inteligência e criatividade: uma visão multidisciplinar*. Campinas: Papirus, 2014.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. *Sociología de la imagen: ensayos*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

ROSSETO, Tânia R. *Arte como trabalho criador: produção e significados na educação de pessoas com deficiência intelectual*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, 2018. Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

99 SANTOS, Boaventura de Souza. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Iolete Ribeiro da Silva. SILVA, Camila Ribeiro da. LEITÃO, Consuelena Lopes. A Política de Equidade de Gênero da Universidade Federal do Amazonas: desafios para a implementação. pp. 1883-196. In: BARROSO, Milena Fernandes (org.). *Violências Contra Mulher nas Universidades*. Manaus: EDUA/São Paulo: Alexa Cultural, 2021.

SILVA, Maria Angelita, MORI, Nerli Nonato Ribeiro. A construção vivencial de um quadro conceitual para a pesquisa com povos tradicionais sob invisibilização: o povo Xetá e sua memória coletiva atual. *Fazendo Antropologia no Alto Solimões 30*, Iraildes Caldas Torres, Michel Justamand, Tharcísio Santiago Cruz, Alexa Cultural: São Paulo, EDUA: Manaus, 2020a. p. 179-191.

SILVA, Maria Angelita da. *Memória e identidade do povo Xetá: narrativas visuais e memória coletiva no quadro da dispersão*. Manaus: EDUA; São Paulo: Alexa Cultural, 2020b. 272p.

SILVA, Maria Angelita da. *Criança Xetá: da Memória da Infância à Resistência de um Povo*. 1. ed. Maringá-PR: Massoni, 2017. 326 p.

SILVA, Carmen Lúcia da. *Sobreviventes do extermínio: uma etnografia das narrativas e lembranças da sociedade Xetá*. 1998. 290 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

SIGNORINI, Lucas Correia; RONDINI, Carina Alexandra. Avaliação da superdotação e sua judicialização: relato de caso. *Revista Brasileira de Altas Habilidades/ Superdotação* [online], Edição especial, p. 74- 84, 2022.

SIMONETTI, Dora Cortat. *Superdotação: Estudo comparativo da avaliação dos processos cognitivos através de testes psicológicos e indicadores neurofisiológicos*. Tese (Doutorado) - Universidade do Minho, Portugal, 2008.

VIGOTSKY, Lev Semionovitch. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.